



Entre *fakes* e fatos: efeito Pinóquio no discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro na ONU

Between fakes and facts:
the Pinocchio effect in the speech mobilized
by president Jair Bolsonaro in UN

 Dalexon Sérgio da Silva

 Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti

Resumo: Promovemos, neste trabalho, uma análise discursiva de uma charge política acessada no dia 27 de setembro de 2021 do site *humor político*, que faz referência a três recortes com três enunciados que o presidente Bolsonaro fez na (Organização das Nações Unidas (ONU)). Tais enunciados contendo *Fake News*, foram divulgados no dia 21/09/2021, pelo site *G1*. Para isso, analisamos também três recortes com três enunciados que o presidente fez na ONU, contendo *Fake News*, que foram divulgados no dia 21/09/2021, pelo site *G1*. Assim, por meio das concepções teóricas e metodológicas da Análise Materialista do Discurso,

Dalexon Sérgio da Silva. Pós-doutor e Doutor em Ciências da Linguagem pela UNICAP com Doutorado-sanduiche no Exterior. Pesquisador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, Portugal. Membro do grupo de pesquisa do CNPq: Discurso, Sujeito e Sociedade. E-mail: dalexon@uol.com.br

Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti. Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: carmingpc@yahoo.com.br



de vertente pecheuxtiana, buscamos analisar a posição-sujeito, o interdiscurso e as formações discursivas e imaginárias que, inscritas na historicidade constitutiva nos permitem observar como o presidente Bolsonaro se distancia dos fatos e se aproxima de inverdades, para fazer circular *Fake News*, mobilizando efeitos de sentido do personagem Pinóquio, criado pelo autor Carlo Collodi, personagem que se tornou conhecido pela proliferação de mentiras. Para tal, ancoramo-nos nos estudos de Pêcheux ([1969] 2014, 1999, 2008, 2009, 2014), na França, de Orlandi (1998, 2007a, 2007b, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2017) no Brasil e demais estudiosos, para promovermos um gesto de leitura e interpretação de como o discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro funciona carregado de mentiras, produzindo deslocamentos, como unidade de sentido em relação à atual conjuntura do Brasil.

Palavras-chave: Efeitos de sentido; Discurso político; Formação discursiva; *Fake News*.

Abstract: We promote, in this work, a discursive analysis of a political cartoon accessed on September 27, 2021 from the website humor politico, which refers to three clippings with three statements that President Bolsonaro made at United Nations (UN). These statements containing Fake News were released on 09/21/2021, by the G1 website. Thus, through the theoretical and methodological conceptions of Materialist Discourse Analysis, through a Pecheutian approach, we try to analyze the subject-position, the interdiscourse and the discursive and imaginary formations that, inscribed in the constitutive historicity, that allow us to observe how President Bolsonaro distances himself from the facts and comes close to untruths to circulate Fake News in front of the international community, mobilizing in this way meaning effects of the character known as Pinocchio and that was created by the author Carlo Collodi, a character who became known for the proliferation of lies. For this purpose, we base our studies on Pêcheux ([1969] 2014, 1999, 2008, 2009), in France, Orlandi (1998, 2007a, 2007b, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2017) in Brazil and other scholars, to promote this gesture



of reading and interpretation and how the speech mobilized by President Bolsonaro works full of lies, producing displacements, as a unit of meaning in relation to the current situation in Brazil.

Keywords: effects of meaning, political discourse, discursive formation, *fake News*.

Efeito de início

No dia 21 de setembro de 2021, o site *Brasil de Fato* apresentou a manchete intitulada “Oito mentiras e uma verdade contadas por Bolsonaro na 76^a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em *New York*. A reportagem selecionou as principais informações falsas (*Fake News*) presentes no pronunciamento do presidente brasileiro na manhã da terça-feira, dia 21 de setembro de 2021 no encontro da ONU, em *New York*.

Neste mesmo dia, o site do jornal *Diário de Pernambuco* publicou a reportagem: “Delirante e mentiroso: políticos repercutem discurso de Bolsonaro na ONU”. A reportagem diz que o discurso de Bolsonaro foi classificado por políticos brasileiros como cínico e mentiroso, principalmente ao atacar prefeitos e governadores, por causa da tragédia pandêmica que assola o Brasil com a Covid 19.

Neste ponto, no que se refere ao discurso mentiroso do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, na ONU, ainda no dia 21 de setembro de 2021, o site *G1* apresentou uma matéria de capa, para a qual retomaremos neste trabalho a fim de analisarmos a charge que faz menção ao discurso do presidente. A matéria foi intitulada: “Veja o que é #FATO ou #FAKE no discurso de Bolsonaro na 76^a Assembleia Geral da ONU”. Nela é apresentada uma



investigação sobre os enunciados que o presidente Bolsonaro apresentou na ONU, como fatos, mas que, na verdade, a reportagem os denuncia como notícias falsas (*Fake News*).

Diante do exposto, acerca do discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro, na ONU, buscamos em nosso gesto de leitura e interpretação, responder às seguintes questões de pesquisa: como funciona a posição-sujeito presidente do Brasil no discurso apresentado por Bolsonaro? Que efeitos de sentido são produzidos pelos enunciados mobilizados pelo presidente Jair Bolsonaro, na ONU? Como as formações discursivas e imaginárias se apresentam nestes enunciados? De que modo, a memória discursiva e o interdiscurso estão presentificados nos dizeres do presidente?

Para respondermos a tais questionamentos neste trabalho, apresentaremos no próximo tópico breves considerações sobre *Fake News* e sobre o discurso político, com a finalidade de situarmos o leitor sobre a forma material, composta por mentiras e pelo viés político, que aparecem no discurso mobilizado pelo presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Em seguida, traremos ao leitor importantes concepções teóricas e metodológicas da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana, para que o leitor possa compreender como se dá o desenvolvimento das nossas análises por meio dessas concepções teóricas e analíticas. Depois, apresentaremos o nosso gesto teórico-analítico, no qual mostraremos o funcionamento das concepções propostas da AD para este trabalho, por meio da análise de uma charge e de três notícias falsas expostas pelo presidente na ONU.

Com efeito de fim, apresentaremos os resultados obtidos nas análises após respondermos às questões de pesquisa aqui propostas.



Breves considerações sobre Fake News e discurso político

Em sua tradução para língua portuguesa, podemos compreender que *Fake News*, são *notícias falsas*, ou seja, informações noticiadas que buscam conduzir o leitor a acreditar num ponto de vista acerca de um determinado acontecimento, contudo, tais informações são parcialmente ou totalmente inverídicas. Essas notícias estão relacionadas ao fenômeno da desinformação disseminada pela internet e pode moldar o que tomamos como realidade (ALVES; MACIEL, 2020).

Somos sabedores de que a divulgação de notícias falsas existe desde os tempos mais antigos e ocupa o universo mítico universal, por exemplo, de acordo com a mitologia grega, o cavalo de Troia foi um símbolo da Guerra de Troia, responsável pela consolidação do conflito no imaginário popular. O conflito teve como causa o rapto de Helena, esposa do rei de Esparta, Menelau. Helena teria sido levada a Troia por Páris, príncipe troiano. Esse suposto presente dado pelos gregos aos troianos ao final da guerra fez parte de uma artimanha criada por Odisseu, grande estrategista, para que os gregos vencessem o conflito. Para tal, os gregos espalharam entre os troianos a notícia falsa que o cavalo era um símbolo da paz para unir os dois povos, contudo, na verdade, o cavalo representava uma cilada, pois estava cheio de homens do exército grego que pretendiam invadir o espaço troiano e vencer a guerra (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2006).

Observamos desse modo, que há muito tempo temos indícios de que notícias falsas são divulgadas nas sociedades com objetivos de enganar o outro, persuadindo-o, contudo, é possível afir-



marmos que com o passar do tempo, com o avanço da tecnologia, da internet, a circulação de notícias falsas tem ocorrido cada vez de forma mais veloz, pois embora o monopólio da informação ainda esteja nas mãos das grandes mídias, vemos, paralelo a isso, o proliferar de novos caminhos.

Com o avanço do acesso à internet, os novos fatos e notícias chegam muito rápido e dão voz a quem antes não tinha espaço. Portanto, não há mais a necessidade de esperar um jornal informar sobre algum fato ou acontecimento, basta acessar a internet. Um outro ponto importante a pontuarmos é que, hoje, qualquer pessoa pode gerar conteúdo e acabar sendo a pauta dos veículos de comunicação. A “crença” no anonimato faz pessoas propagarem (des)informações que conduzem os leitores à dúvida, ao “erro” e as próprias *Fake News* engendram dúvidas.

Ribeiro e Ortellato (2018) trazem contribuições em relação ao desenvolvimento de *Fake News*, que podem, por exemplo, incluir ao lado de notícias inverídicas, omissões, enganos, exageros e informações descontextualizadas.

Conforme Paganotti (2020), a mais ampla definição de *Fake News* abarca qualquer informação falsa, o que exclui a intencionalidade no enredo dela. Em suas pesquisas apoiado em Allcott e Gentzkow (2017), a definição de *Fake News* é ampliada e é verificado não apenas como inverdades, mas também como informações dispostas em um padrão que imitam o formato jornalístico e que foram intencionalmente produzidas para ludibriar. Existem sites criados especificamente para disseminar este tipo de notícia aparentando ser matéria jornalística. Essa definição exclui muito o que é considerado *Fake News* no senso comum como arquivos em áudio, memes, gifs dentre outras formas culturais em circu-



lação. Neste artigo trabalharemos a relação de *Fake News* com o discurso político.

É desse modo que “o discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos [...]” (CAZARIN, 2001). O discurso é aberto, polissêmico, atravessado por outros discursos. O que se diz significa de uma forma ou de outra a partir do lugar de quem diz, da posição hierárquica que se ocupa numa formação social.

Assim, é relevante destacar que conforme Charadeau, (2015), a linguagem funciona como mediadora entre a instância cidadã e a seara política, assegurando a legitimidade da representação política. O discurso político é o sítio social do jogo de máscaras, disfarces que não se referem necessariamente a imagens enganosas, mas uma imagem, interpretação que constitui nossa relação com o outro. Toda palavra no discurso político deve ser concebida pelo que ela não significa, não devendo ser tomada literalmente, mas como produto de uma estratégia do enunciador. O sujeito sempre quer ter o outro do seu lado para que esse outro pense, aja conforme sua vontade, sob uma aparência de aprovação, na medida em que o embate de quem lhe apoia ou é seu opositor, já constitui um fundamento de legitimação, ou seja, ‘alguém me quer no poder’.

No discurso político, o representante em geral enuncia na primeira pessoa do plural, nós, posiciona-se como o porta-voz autorizado, a não pessoa discursiva como afirma Indursky (2013), que corresponde ao referente linguisticamente não especificado ao qual o eu se aproxima para constituir o nós. O pronome nós no



cenário político produz efeito de indeterminação e ambiguidade podendo referir-se ao papel institucional do político, como também a coletividade de interlocutores que vem a ele associar-se.

“[...] os discursos políticos, muito além de sua função de camuflagem e de autojustificação, constituem também um vestígio, uma rede de indícios para compreender concretamente como se chegou até aqui e, ao mesmo tempo, para reconstruir a memória histórica a partir deles [...]” (PÊCHEUX, 2009, p. 22).

No próximo momento, teceremos algumas considerações teóricas na Análise do Discurso de vertente pecheuxtiana.

Algumas concepções teórico-analíticas da Análise Materialista do Discurso

De imediato, é preciso pontuarmos, que o sujeito, a partir da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, não é empírico, uno, mas é compreendido a partir da concepção de sujeito clivado, considerando-se que Pêcheux ressignifica a noção de sujeito a partir de estudos althusserianos (1985) e releituras lacanianas (1998, 1999), tendo como referência Freud (1976). A partir de Althusser (1985), Pêcheux ([1969] 2014 2009), considera a ideologia como o momento em que o indivíduo é interpelado em sujeito e levado a ocupar uma ou outra posição na formação social. A partir de Althusser (1985) e Lacan (1998), Pêcheux ([1969] 2014, 2009) considera o sujeito não uno, não coincidente consigo mesmo, mas cindido pelo inconsciente.



O sujeito é trazido para o cerne da discussão em detrimento do homem. Não é qualquer sujeito, mas um sujeito específico para Análise do Discurso: o sujeito afetado pela ideologia, pelo inconsciente, descentrado (BRASIL, 2011).

Conforme Orlandi (1998, 2012a, 2013), o sujeito é um sítio de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição. De acordo com Pêcheux (2009), a posição-sujeito caracteriza-se como um objeto imaginário que ocupa um espaço no processo discursivo. Essa posição não equivale à presença física e aos lugares empíricos numa estrutura social. Esses lugares são representações no discurso. O sujeito se constitui pela submissão à língua, pela interpelação ideológica, mas se acredita livre, fonte e origem do dizer. É atravessado pelo inconsciente, no entanto, acredita estar sempre consciente. Afetado por essas estruturas-funcionamentos como afirma Pêcheux (2009), o sujeito (re)produz o seu discurso. Pêcheux considera o discurso como efeitos de sentido entre os pontos A e B. Ao fazer uma releitura de Pêcheux ([1969] 2014), Orlandi (2007a, 2007b, 2008, 2012a, 2012b, 2012c, 2012, 2011, 2013, 2017), compreende o discurso. como efeito de sentido entre locutores. Sendo Assim “[...] O sentido não tem origem. Não há origem do sentido nem no sujeito (onto) nem na história (filó). O que há são efeitos de sentido” (ORLANDI, 2008, p. 49). Nesse sentido

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre



os locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos, mas se produzem com eles. Importa ainda lembrar que o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra[...] o que permite pensar[...] que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o “outro” sentido que ela não significa[...]” (ORLANDI 2007a, p. 21).

O efeito de sentido não está em nenhum lugar, mas se produz nas relações: dos sentidos, dos sujeitos, pois sujeitos e sentidos se constituem mutuamente, pela sua inscrição em várias formações discursivas (Orlandi, 2007a). O sujeito não é a origem do sentido e é sempre instado a significar. O sentido resulta de sua inscrição em uma formação discursiva, já que por exemplo, uma mesma palavra pode deslizar, deslocar de sentido a depender da formação discursiva com a qual o sujeito se identifica (ORLANDI 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013).

Conforme Pêcheux (2009), a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina. A noção de formação discursiva é basilar neste trabalho. Pêcheux reelabora a noção de formação discursiva a partir de estudos de Foucault ([1969] 2014).

No que se refere a formação discursiva afirma Pêcheux (2009):

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) [...] (PÊCHEUX, 2009, p. 147).



Neste plexo, segundo Pêcheux (2009); Pêcheux e Fuchs ([1975], 2014) as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido a partir da formação discursiva em que são produzidas. A formação discursiva é lugar de constituição de sentidos e identificação dos sujeitos. É heterogênea, fluida, habitada por outras formações discursivas que advêm de outros lugares e está imbricada ao interdiscurso, que é uma concepção teórico-analítica importante neste artigo, pois é no interior do interdiscurso que estão dispersas diferentes formações discursivas numa relação de aliança, confronto. Conforme Pêcheux (2009), interdiscurso é um todo complexo com dominante das formações discursivas. É a exterioridade que determina a interioridade ou intradiscurso.

Como afirma Orlandi (2013), os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentidos produzidos em determinadas condições. Essas condições de produção referem-se ao contexto imediato de enunciação e ao contexto sócio-histórico e ideológico. Nas condições de produção estão as formações imaginárias, noção operatória relevante neste artigo. As formações imaginárias em seu funcionamento apresentam a relação de forças, a relação de sentidos e a antecipação conforme afirma Pêcheux ([1969] 2014). Na relação de forças, o que o sujeito diz ganha estatuto diferenciado conforme o lugar social que ele ocupa; as relações de sentido demonstram que um discurso é sempre atravessado por outros; na antecipação é a habilidade do orador experimentar o lugar do ouvinte a partir do próprio lugar. Esta antecipação é constitutiva de qualquer discurso. Nas formações imaginárias, há a representação do próprio lugar, do lugar do outro e do referente e os sentidos se constroem no embate com outros sentidos. Para significar, ter historicidade, ou seja,



produzir sentidos a língua se inscreve na história pela exterioridade constitutiva (o interdiscurso)

Adotamos neste artigo a noção de interdiscurso como diferente da noção de memória discursiva. Conforme Patriota e Turton (2004), a memória refere-se a recorrência de enunciados apartando e elegendo aquilo que, dentro de uma contingência histórica, pode emergir sendo atualizado no discurso ou rejeitado em um novo contexto discursivo. A memória permitirá numa infinita rede de formulações a rejeição, aparecimento ou transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas situadas historicamente. Nesse direcionamento, entendemos que a memória discursiva corresponde a uma parte do interdiscurso. Prosseguindo com a noção teórica afirma Pêcheux (1999):

“[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível [...]” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Para Pêcheux (1999), a memória discursiva é o retorno do já-dito. Conforme Indursky (2011a, p.87-88), “a memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD”. O interdiscurso corresponde a uma memória totalizante. Conforme Pêcheux (2009), o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica e o faz tomar posições.



Pêcheux (2009), aborda as tomadas de posição como modalidades discursivas do funcionamento subjetivo. Na primeira modalidade, o sujeito identifica-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. É caracterizado como o discurso do 'bom sujeito.' Posteriormente, ele observa que não existe identificação plena, pois a ideologia que interpela o sujeito é um ritual com falhas, enfraquecimentos, brechas. Mesmo na desidentificação não existe uma anulação das tomadas de posição anteriores a esta, mas uma transformação. O sujeito inscreve-se em outra formação discursiva, mas não de forma completa, pois carrega consigo resquícios de outras tomadas de posição e a incompletude, as falhas, derivas, furos são constitutivos dos sentidos e dos sujeitos.

Na segunda modalidade, o sujeito passa a questionar, contestar, distanciar-se da forma-sujeito e dos saberes que ela organiza no interior da formação discursiva, permanecendo nela, mas com ela se contraidentificando. É caracterizado por Pêcheux (2009), como o discurso do 'mau sujeito'. Na terceira modalidade, o sujeito desidentifica-se da formação discursiva que o domina e inscreve-se em outra formação discursiva. Existe uma transformação-deslocamento da forma-sujeito e não uma anulação.

Nesta terceira falha no ritual, há a instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da formação discursiva saberes que não apenas lhe eram alheios, mas também saberes interditados provocando um estranhamento nas fileiras dos sentidos da referida formação discursiva. (INDURSKY, 2011).

Agora, no próximo tópico analisaremos o *corpus* discursivo.



Um gesto teórico-analítico



Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Bozonaro-na-ONU.jpg>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

Três fakes e fatos no discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro na ONU

Fake I

“Na economia, temos um dos melhores desempenhos entre os emergentes”

Fato I

Em 2020, no relatório “World Economic Outlook”, publicado pelo FMI em julho, a economia do Brasil encolheu 4,1% - pior do que a média mundial, de 3,2%, e do que a média das economias emergentes, de 2,1%. A economia brasileira foi menos impactada do que a da África do Sul (-7%), da Índia (-7,3%) e do México (-8,3%), mas Rússia (-3%), Nigéria (-1,8%) e China (crescimento de 2,3%) tiveram desempenhos muito melhores no ano passado. O desempenho durante este ano também decepciona, com uma queda de 0,1% no PIB no segundo trimestre deste ano. Isto colocou o país na 38ª posição em um ranking produzido pela Austin Rating com as 48 maiores economias do mundo - atrás de todas as economias emergentes.



Fake 2

“No último 7 de setembro, data de nossa Independência, milhões de brasileiros, de forma pacífica e patriótica, foram às ruas, na maior manifestação de nossa história”

Fato 2

Os atos de 7 de Setembro não foram os maiores já registrados no país. Apesar de não haver um balanço nacional, as imagens registradas no dia revelam uma manifestação muito menor que as registradas em 1984, no famoso comício do movimento Diretas Já, 1,5 milhão de pessoas se reuniram no Vale do Anhangabaú para pedir eleições para presidente no Brasil. Levando em conta os dados públicos disponíveis, o maior ato político já registrado no Brasil ocorreu em março de 2016, quando manifestantes foram às ruas em mais de 300 cidades para pedir o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Houve, segundo a polícia, 3,6 milhões de pessoas no protesto. Para os organizadores, foram 6,8 milhões. Também não é possível afirmar que “milhões” participaram dos protestos no 7 de Setembro. Levantamento feito pelo G1 mostra que apenas sete estados têm estimativas de público. E o total não ultrapassa os 400 mil manifestantes.

Fake 3

“Os recursos humanos e financeiros, destinados ao fortalecimento dos órgãos ambientais, foram dobrados, com vistas a zerar o desmatamento ilegal. E os resultados desta importante ação já começaram a aparecer”



Fato 3

O orçamento destinado ao Ministério do Meio Ambiente em 2021 foi menor que o autorizado e executado em 2020 - que por sua vez já havia sido menor que o de 2019. Já o projeto de lei orçamentária para o próximo ano enviado ao Congresso Nacional prevê um valor nominal 77% maior do que o estabelecido no orçamento deste ano, mas o projeto ainda não foi votado pelo Legislativo. Segundo o portal Siga Brasil, a dotação orçamentária para o Ministério do Meio Ambiente em 2021 foi de R\$ 1,854 bilhão, 36% menor do que os R\$ 2,917 bilhões previstos em 2020 e praticamente metade dos R\$ 3,805 bilhões do orçamento de 2019. Os valores estão corrigidos pela inflação para o período. Para 2022, a proposta enviada pelo governo ao Congresso prevê um orçamento de R\$ 3,128 bilhões para a pasta. Se comparado ao valor corrigido para 2021, o orçamento do MMA no ano que vem pretendido pelo governo não chega ao dobro.

Dados apresentados pelo site *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/09/21/veja-o-que-e-fato-ou-fake-no-discurso-de-bolsonaro-na-76a-asm-bleia-geral-da-onu.ghtml>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

É importante ressaltar que iniciaremos o nosso gesto teórico-analítico pelo nosso olhar analista que se estabelece sobre a charge, tomada como materialidade discursiva, pois possui uma forma material, uma forma que traz em si a historicidade constitutiva de todo dizer ao promover o encontro de uma atualidade (o discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro na ONU) e uma rede de memórias (já-ditos que circulam na memória do dizer sobre o desmatamento da Amazônia, sobre o governo de extrema direita ao qual o presidente Bolsonaro se filia e sobre a proliferação de *Fake News* mobilizada pelo presidente Jair Bolsonaro).

Em seguida, numa relação interdiscursiva acionada por meio da charge observada, analisaremos pontos do discurso mobilizado pelo presidente Jair Bolsonaro, na ONU, por meio do recorte de três enunciados que contêm *Fake News* e foram publicados no



site do *G1*, para que possamos mostrar como funciona o discurso no qual esse presidente se filia, a partir de sua identificação à formação discursiva de político de extrema-direita, que marca a sua posição como presidente do Brasil promotor de *Fake News*.

O título da charge, “Bozonaro na ONU”, já favorece a proliferação de sentidos ao apontar para a polissemia. O apelido de “Bozo”, atribuído ao presidente Bolsonaro já mostra como as formações discursivas e imaginárias acerca desse chefe da Nação brasileira funcionam inscritas numa rede de memórias. A memória discursiva faz circular que o batismo de “Bozo” vem desde a campanha eleitoral, quando militantes adversários não queriam escrever nas redes sociais o sobrenome Bolsonaro, sob a alegação de que o estariam promovendo. A alcunha também surgiu pelo fato de o candidato não demonstrar postura ética durante o processo eleitoral, aproximando-o de situações vexatórias, consideradas pelos seus oponentes como “palhaçadas”. E foi assim que o então candidato passou a ser chamado pelo nome do palhaço que foi campeão de audiência no SBT, de 1980 a 1982. E desse modo que a memória discursiva se mostra regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma formação discursiva e, por essa razão, é esburacada, lacunar.

É desse modo que a charge (d)enuncia o que, de fato, acontece na Amazônia, inscrevendo-se num interdiscurso, que abriga diferentes formações discursivas (FD). Isto é, (*FD de presidente do Brasil, FD de cidadão de extrema-direita, FD de político, FD de mentiroso*). E é nesse ponto que podemos analisar também que a charge promove o encontro entre uma memória atual e uma rede de memória que retoma o personagem da literatura infantil, criada por Collodi, o Pinóquio. Pinóquio é um boneco de madei-



ra que pensa, age, fala como criança e toda vez que mente, seu nariz cresce. Na charge, no nariz de Bolsonaro-Pinóquio crescem ramos de árvores que (d)enunciam a destruição da floresta amazônica., havendo, desse modo, uma reatualização de já-ditos.

Conforme site da *Folha* em manchete intitulada: *Queimadas na Amazônia impactam 90% das espécies de animais e plantas na floresta*, foi realizada uma pesquisa publicada na revista científica *Nature* que constatou uma diminuição da fiscalização e aumento de desmatamento, comprometendo a fauna e a flora².

Frente à miríade de acontecimentos funestos na Amazônia e em outros Estados, a característica circunscrita ao nariz passa a ser reatualizada, sendo responsável pelo deslocamento de sentido nos dizeres da charge. Ou seja, não é mais um menino feito de madeira que mente aleatoriamente, mas sim, um chefe de Estado, que ao depor na ONU, ao invés de mostrar os verdadeiros entraves do seu país e as estratégias de solução do seu governo para resolvê-las, demonstra preferir se posicionar de modo a enganar a comunidade internacional por meio da proliferação de notícias falsas.

Com efeitos de sentido de ironia, a charge é marcada pela relação estabelecida com o personagem Pinóquio (d)enunciado o que está ocorrendo e produzindo efeitos de sentido no país, ou seja, pela mobilização da memória discursiva e das formações imaginárias, algo não vem funcionando bem em relação à implementação e fiscalização de políticas públicas que salvaguardem o meio

2. Conforme site da Folha: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/09/queimadas-na-amazonia-impactam-90-das-especies-de-animais-e-plantas-da-floresta.shtml#:~:text=Os%20impactos%20de%20queimadas%20na,publikado%20na%20revista%20cient%3%ADfca%20Nature.&text=Ao%20oto%2C%20foram%20mapeadas%2014.593%20esp%3%Agcies>



ambiente. A charge permite apontar Bolsonaro como ludibriador e não preocupado com o reflorestamento.

Nas formações imaginárias acerca do chefe da nação há um deslocamento, já que estando na posição-sujeito de líder político e inscrito na *FD de presidente do Brasil* deveria prescrutar o porquê de tanto fogo e desmatamento, apresentando políticas públicas que equacionassem o problema. Tendo a exterioridade constitutiva inscrita na historicidade como possibilidade de um gesto de leitura, circula os efeitos de sentido de negligente, despreocupado com os biomas do país e de mentiroso, acerca de ações (não) realizadas em relação ao desmatamento e reflorestamento.

E é desse modo que o sujeito presidente do Brasil se posiciona perante a ONU, ao produzir *Fake News*, ocupando uma posição de descrédito em relação à grande parte da população do Brasil e do mundo. Essa posição é trazida nessa charge, ao apresentar o enunciado atribuído ao presidente Bolsonaro: “estamos trabalhando para o reflorestamento na Amazônia”. Parafrazeando Cazarin (2001), esse discurso produz o efeito de sentido de negação que circula na *FD* antagônica, buscando desqualificá-la.

Nesse ponto, o sujeito na charge redireciona seu discurso no sentido do que pode e deve ser dito em sua *FD*, num funcionamento em que a afirmação, recalca no interdiscurso, o discurso da *FD* divergente (despreocupada com o desmatamento), discurso esse que não pode e não deve ser dito, pois de acordo com Pêcheux (2014), é a identificação do sujeito a uma dada formação discursiva, que determina o que pode e o que deve ser dito por ele. Desse modo, a charge aponta, de forma irônica, que inscrito na formação discursiva de chefe da nação, o presidente Bolsonaro faz circular nas formações imaginárias da população, que uma



das grandes preocupações de um presidente deve(ria) ser a questão ambiental. Ou seja, a posição-sujeito de presidente do Brasil exige que ele faça algo, de fato, para melhorar as florestas do seu país, como não é o que realmente acontece, face aos noticiários que já apresentamos aqui, o presidente prefere se posicionar buscando a completude na mobilização do discurso apresentado por ele, recorrendo às notícias falsas.

Na charge, há o uso do pronome *nós* que de acordo com Indurky (2013), é um referente não especificado ao qual o eu se associa. No discurso apresentado na charge, o *nós* produz o efeito de sentido do governo estar trabalhando junto com os brasileiros. O discurso verbal e o não verbal acionam a memória discursiva acerca do desdém em relação às denúncias dos atos ilegais praticados na Amazônia. Nesse ponto, a imagem do presidente corporificado como Pinóquio produz o efeito de evidência de falácia e naturaliza os sentidos que na política há um funcionamento do discurso politicamente correto e/ou mentiroso. E é deste modo, que o sujeito presidente contraidentifica-se à formação discursiva de chefe de Estado e chefe de governo na medida que não deve disseminar *Fake News* sobre o que de realmente ocorre em seu país, devendo salvaguardar a preservação do meio ambiente através de implementação de políticas públicas e de fiscalização de seu cumprimento

Assim, ao observamos que na primeira *Fake News*, o sujeito presidente afirma que no Brasil “temos um dos melhores desempenhos” na economia, o termo linguístico “melhores”, de fato desloca-se para piores, pois recalca no interdiscurso o índice de desemprego, inflação, pobreza acentuados com a incursão pandêmica no Brasil. Na posição-sujeito presidente, Bolsonaro



busca em seu discurso apagar o efeito de descrédito que circula mundialmente sobre sua governabilidade, silenciando sentidos e saberes sobre a baixa popularidade, as denúncias de corrupção e a CPI da Covid que desgastam a cada dia mais a sua imagem no Brasil e na comunidade internacional, apontado o seu mandato como um desgoverno, sem credibilidade. E é dessa forma que a charge faz referência ao discurso promovido pelo sujeito presidente Bolsonaro, por meio da retomada dos dizeres, sendo possível diferenças no discurso a partir de um desnivelamento originado entre o dizer que se “apaga” e o dizer que sugere e sustenta novos atos de discursivização, tendo em vista que o nariz de Pinóquio é inserido em um novo acontecimento discursivo, como agora pertencente ao presidente do Brasil, que vive em 2021 e enuncia aos países na ONU.

É nesse sentido que entendemos o discurso como uma dispersão de textos e compreendemos o texto como uma dispersão de sujeitos. É nesse modo de significar que observamos que a charge aqui analisada, é composta por elementos distintos, que marcam as diferenças criadas pelo sujeito-autor Carlo Colloidi (criador de Pinóquio) e pelos sujeitos-autores Bira e Sérgio Oliver (os desenhistas da charge), pois eles possuem diferentes formações discursivas e ideológicas e representam épocas históricas e conjunturas sociais bem distintas; contudo, as formações discursivas que atravessam as imagens, na charge, favorecem o processo de produção de sentidos que o sujeito-leitor, ao se deparar com as pistas textuais que o autor expõe no texto, é levado a realizar, a recuperar já-ditos que circulam no interdiscurso acerca do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.



Na segunda *Fake News*, o termo linguístico *milhões* desloca para *milhares*, pois o discurso promovido pelo sujeito, com efeitos de sentido de hipérbole, confere à manifestação de 7 de Setembro uma dimensão muito maior do acontecimento. Pelo funcionamento do interdiscurso, é possível retomarmos a grande manifestação em prol das diretas já e pelo impeachment de Dilma Rousseff os quais marcaram a história e se inscrevem na historicidade, *que (d) enuncia que o discurso mobilizado pelo presidente Jair Bolsonaro, na ONU, marca a presença de Fake News.*

Na terceira *Fake*, que analisamos como recorte do discurso mobilizado pelo presidente, ao dizer que a fiscalização em seu governo aumentou em relação à fiscalização dos órgãos ambientais com o objetivo de zerar o desmatamento, a afirmação funciona como uma negação do aumento do índice de queimadas comprometendo a fauna e a flora.

Mas, então, precisamos refletir, como Bolsonaro funciona em sua posição-sujeito de presidente do Brasil, pelo viés da AD? Ele funciona interpelado pela(s) ideologia(s), ele inscreve-se em uma formação discursiva de extrema direita negacionista, tocado pela equivocidade, apresenta em seu discurso mobilizado, falhas, faltas, divagações. Desse modo, ele se posiciona constituído pelo esquecimento número 2, o qual Pêcheux (2009) atribui a ilusão referencial de o que foi formulado só pode ser feito de uma única forma e a impossibilidade de produção de sentido fora de uma dada formação discursiva, o que favorece a emergência de *Fake News* em relação ao Brasil. A forma como a memória é acionada nos remete às condições de produção do discurso, que segundo Orlandi (2013), compreendem os sujeitos e a situação. Nas condições de produção do discurso na ONU, na posição-sujeito presi-



dente e nas formações imaginárias do sujeito presidente deveria emergir em seus dizeres aspectos positivos do país que governa.

Nas três *Fake News*, o linguístico intervém como pressuposto apontando para a exterioridade constitutiva inscrita na historicidade e traz no imaginário da posição-sujeito presidente uma demarcação de um Brasil paralelo em relação ao país em que vivem os brasileiros. Neste Brasil paralelo e imaginário, a economia está equilibrada, funcionando de modo estável e a posição-sujeito presidente Bolsonaro tem o pleno apoio dos brasileiros, bem como o governo visto de modo pelos apoiadores do presidente, demonstrando uma grande preocupação com o meio ambiente.

No próximo tópico, traremos os resultados das nossas análises aqui propostas, ao respondermos as questões iniciais de pesquisa, que nos levaram a escrevermos este trabalho.

Efeito de fim

Em virtude do que já foi mencionado neste trabalho, por meio das análises realizadas acerca do discurso mobilizado pelo sujeito presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, mostramos que há um embate, tensão entre o que pode e deve ser dito na formação discursiva de chefe de uma nação e o que é dito na formação discursiva de um sujeito de extrema-direita cujo o epicentro de seus dizeres habita um discurso falacioso, tendencialmente autoritário.

Dado o exposto, em nosso gesto de leitura e de interpretação da materialidade chargística em referência ao discurso do presidente Bolsonaro, na ONU, aqui, analisado a partir do recorte de três enunciados falsos, dito pelo presidente e acessado a partir do site *G1*, focamos nosso trabalho em respondermos às seguintes ques-



tões propostas: *Que efeitos de sentido são produzidos pelos enunciados mobilizados pelo presidente Jair Bolsonaro, na ONU? Como as formações discursivas e imaginárias se apresentam nestes enunciados? De que modo, a memória discursiva e o interdiscurso estão presentificados nos dizeres do presidente?*

Assim, pudemos analisar que os enunciados expostos pelo presidente Bolsonaro, através do seu discurso mobilizado, fizeram circular no Brasil e no exterior, efeitos de sentido de mentira, descrédito, ludibriação, ironia, revolta, indignação, falta de compromisso com o Brasil, dentre outros.

Tendo em vista os aspectos observados, analisamos que as formações discursivas e imaginárias acerca do presidente Bolsonaro se mostraram funcionando de modo a apresentar o presidente Bolsonaro num processo de repetibilidade de construção discursiva de narrativas falsas. E dessa repetibilidade na posição-sujeito presidente, Bolsonaro, interpelado pela ideologia negacionista, buscou saturar os sentidos, produzindo um efeito de realidade/verdade paralela. Nas formações discursivas e imaginárias, o sujeito presidente se posiciona de modo a promover a antecipação do que seus ouvintes esperam que ele diga como o líder da nação brasileira.

A charge e os três recortes das *Fake News* acionam a memória discursiva (o que foi dito e (re)atualizado sobre Bolsonaro) e o interdiscurso o interdiscurso (que abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as formações discursivas). Nesse ponto, o interdiscurso corresponde a uma memória totalizante acerca dos sentidos cristalizados socialmente do que deve dizer e fazer o presidente de um país. Na posição-sujeito presidente, o regime de repetibilidade no *corpus* analisado busca produzir um



efeito de consenso sobre implementação e fiscalização de políticas públicas exitosas que beneficiam a economia, o meio ambiente, o povo. No entanto, a charge (d)enuncia o discurso falacioso acionando o interdiscurso de assemelhamento do sujeito presidente com o Pinóquio, personagem da literatura infantil conhecido por sempre o nariz crescer ao mentir. Inscrito no já-dito, a materialidade verbal e não verbal dos recortes analisados, reverberaram em outras práticas e representações sociais, deslocando-se num denunciamento irônico que compromete a seriedade no discurso, a partir da posição ocupado por Bolsonaro.

Como diz Orlandi, (2007a, 2007b, 2008, 2012a, 2012b, 2012c, 2012, 2011, 2013, 2017) quando os sentidos não podem ser produzidos num determinado espaço discursivo, eles aparecem em outro lugar, derivam para outro objeto simbólico e foi isto que observamos na charge. A charge emerge como resistência, ato político que junto às *Fake News* dividem os espaços de interpretação sobre o que é fato e o que é fake.

A atividade tensional que se mostrou na tessitura discursiva produziu efeitos de sentido negativos, pois, ao afirmar na posição-sujeito presidente que tudo no Brasil vai bem, ocorre a negação do que mundialmente se tem conhecimento. Ou seja, que a economia no Brasil está muito abalada, a credibilidade do governo fragilizada, e que no Brasil o índice de desmatamento e queimadas está em crescente expansão.

O Presidente Bolsonaro se projetou a partir de suas formações imaginárias com o discurso ‘otimista’ na ONU, visando produzir efeitos de confiança, seriedade, credibilidade, preocupação com questões preponderantes em num governo. Desse modo, O presidente busca a saturação, o efeito de completude. Nessa com-



preensão, como sujeito interpelado pela ideologia de extrema direita, o líder político se mostrou atravessado pelo “esquecimento nº 2”, no qual o sujeito tem a ilusão que o enunciado, por exemplo, só pode ser dito de uma única forma. Ele acredita que todo ouvinte compreenderá seu discurso da maneira que ele espera, contudo, nem o sujeito presidente, nem os ouvintes podem ter controle total sobre os efeitos de sentido que ocorreram em seu intradiscurso na ONU, precisamente porque sentidos indesejáveis foram mobilizados.

O interdiscurso se mostrou funcionando como defende Pêcheux ([1969], 2014, 1999)., pois todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já sedimentados socialmente. Pelo acionamento da memória discursiva, de modo regionalizado, foi possível observar o ressoar de ecos específicos acerca da posição-sujeito do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

Referências

ALCOTT, H.; GENTZKOW, M. *Social media and fake News in the 2016 election*. Journal of economic. Perspectives, Nashville, v.31, n.2, p.211-236, abr-jun, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa, 1985.

ALVES, Marco Antônio Souza; MACIEL, Emanuella Ribeiro Malfeld. *Internet e Sociedade: O fenômeno da Fake News: definição, combate e contexto*, n.1, v.1, 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.



CAMARGO, C. M. dos S. *Memória discursiva e Análise do Discurso na perspectiva pecheuxiana e sua relação com a memória social*. Saber Humano. Revista científica da Faculdade Antônio Meneghetti, v.9. n.4, 2019, p.167-181. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/341/405>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.

CAZARIN, A. E. *Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação*. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Suzana B. A leitura e a escrita como práticas discursivas. Pelotas: Educat, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Leitura_e_a_Escrita.pdf. Acesso em: 24 de setembro de 2021.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komisu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia*. Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. FNDE, 2006.

FERREIRA, E. S. *O discurso da mídia e seus jogos: questões sobre o silenciamento e a representação do outro*. Mestrado em linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2015. https://www.pgletras.com.br/_documentos/acervo/dissertacoes/2015/linguistica/Erasmus_da_Silva_Ferreira.pdf. Acesso em 23 de setembro de 2021.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GADET, F; HAK, T. (orgs) (2014). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. Memória e história na/da análise do discurso. In: INDURSKY, F. *A memória na cena do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.



INDURSKY, F. *Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva*. In: BARONAS, R. L. *Análise do discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ed. Revisada e ampliada. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011, p.77-90.

LACAN, Jacques. *Os escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar [1966], 1998

LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente*. Livro 5. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1957-1958], 1999.

ORLANDI, E. P. *Discurso e argumentação: um observatório do político*. Disponível em: file:///C:/Users/PMRecife/Downloads/6915-Texto%20do%20Artigo-20890-1-10-20080923%20(1).PDF. Acesso em 30 out. de 2020. p. 1-9.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. 6ed. Campinas, SP: Editorada Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista: Discurso do confronto velho e novo mundo*. 2ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E.P. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2012a.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012b.

ORLANDI, E.P. *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c.

ORLANDI, E. P. *A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica*. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 02 agosto de 2021.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 11ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.



ORLANDI, E.P. *Discurso e texto*: Formulação e circulação dos sentidos. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012d.

ORLANDI, E.P. *Eu, Tu, Ele*: Discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PATRIOTA, K. R. M.; TURTON, A.N. Memória discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV. *Ciências & Cognição*, v1, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212004000100003. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. (orgs) (2014). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da Análise do Discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EduFscar, 2009.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: Estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni p. Orlandi. 5ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pucinelli Orlandi et al. 4ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F; HAK, T. (orgs) (2014). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLATO, P. *O que são e como lidar com as notícias falsas*. SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v.15, n.27, p.71-83, 2018.



SILVA, Dalexon Sérgio da. *LGBT (Q de Queiroz): deslizamentos de sentido em efeitos metafóricos no discurso do deputado Eduardo Bolsonaro no Twitter*. *Diálogo das Letras, pau dos ferros*, v.9, p.1-16, 2020 Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/2491>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.

Sites consultados

Fake News e negacionismo em tempos de pandemia: Entrevista com Ivan Paganotti. (por Marco Serelle com colaboração de Carolina Casse-se) <https://blogfca.pucminas.br/ccm/fake-news-e-negacionismo-em-tempos-de-pandemia-entrevista-com-ivan-paganotti/>. Acesso em 25 de setembro de 2021

PINÓQUIO. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Pin%C3%B3quio/483465>. Acesso em: 25 de setembro de 2021.

Queimadas na Amazônia impactam 90% das espécies de animais e plantas na floresta. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/09/queimadas-na-amazonia-impactam-90-das-especies-de-animais-e-plantas-da-floresta.shtml>. Acesso em: 25 de setembro de 2021.

Revista Linguagem. Estudos e Pesquisas. BRASIL, Luciana Leão. *Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva*, Goiás v.15, n.1, 2011p171-182 Disponível em: [file:///C:/Users/Carminha/Downloads/32465-Texto%20do%20artigo-136767-1-10-20141023%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Carminha/Downloads/32465-Texto%20do%20artigo-136767-1-10-20141023%20(2).pdf). acesso em: 21 de fevereiro de 2022.

Recebido em: 29/01/2022

Aceito em: 01/03/2022